

## **A “criança difícil do século” – algumas configurações do esporte no velho e no novo milênio**

---

### **El “niño difícil del siglo” – algunos parámetros del deporte en el antiguo y el nuevo milenio**

---

#### *The “disturbed child of the century” - some settings of sport in the old and the new millennium*

---

*José Carlos Marques*<sup>1</sup>

**Resumo** *A proposta deste artigo é, por meio de breve revisão de alguns estudos sobre o esporte, verificar se a mercantilização da atividade esportiva, num processo intensificado no final do século XX, teria corrompido sua essência lúdica e secularizada. Discute-se o quanto atletas teriam abandonado o “amor à camisa”, e o esporte, sua prática romântica, em troca dos interesses de anunciantes e investidores.*

**Palavras-chave:** *Esporte. Cultura de massa. Revolução industrial. Sociologia do esporte.*

**Resumen** *El propósito de este artículo es, a través de una breve revisión de algunos estudios sobre el deporte, ver cómo la mercantilización de la actividad deportiva, un proceso que se intensificó en el siglo XX, habría corrompido su carácter lúdico y secular. En este sentido, se analiza cómo los atletas han dejado el “amor de la camisa” y el deporte, su práctica romántico a cambio de los intereses de los anunciantes y los inversionistas.*

**Palabras-clave:** *Deportes. Cultura de masas. Revolución industrial. Sociología del deporte.*

<sup>1</sup> Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista – Unesp/Campus de Bauru (SP) e do Departamento de Ciências Humanas da mesma instituição. Diretor administrativo da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). E-mail: zeca.marques@faac.unesp.br

**Abstract** *The purpose of this article is through a brief review of some studies about the sport, check that the commodification of sporting activity, a process intensified in the late twentieth century, would corrupt its secularized and playful essence. In this sense, it discusses how athletes have left the "love for the shirt", and the sport, his romantic practice in exchange for the interests of advertisers and investors.*

**Keywords:** *Sports. Mass culture. Industrial revolution. Sociology of sport.*

---

Data de submissão: 20/03/2011

Data de aceite: 30/03/2011

Na segunda metade do século XX, enquanto diversos pensadores acusavam-no de ser elemento de alienação das massas, o esporte ganhava outras formas de abordagem por meio de diferentes sociólogos e pensadores. Para o francês Georges Magnane (1969), por exemplo, era precisamente na imprensa que o esporte (chamado por ele de “a criança difícil do século”) manifestava a sua presença da maneira mais indiscreta. Defendia Magnane, maior alienação era ignorar os efeitos e manifestações ligadas às atividades esportivas ao longo de todo o final do segundo milênio:

Os representantes do mundo esportivo respondem com insolência e irritação ao desdém do mundo intelectual. Mas acho particularmente irrazoável a atitude do ‘homem de bem’ do século XX que recusa tomar consciência de um fato de civilização tão enormemente visível como o esporte. (MAGNANE, 1969, p. 18)

Com efeito, o fenômeno esportivo tem sido alvo, ao longo das últimas décadas, de acalorados debates e abordagens a propósito de seu papel na sociedade industrial surgida a partir do final do século XVIII. Por um lado, há os que veem o esporte como fator civilizatório, criador de identidades e de formas de socialização.<sup>2</sup> Nessa visão mais “integrada”, a “criança difícil do século” é entendida por meio de tradição culturalista e por vezes romântica, que valoriza seu aspecto lúdico e sua secularização, “processo pelo qual realidades pertencentes ao domínio religioso, sagrado ou mágico, passam a pertencer ao domínio profano” (HELAL, 1990, p. 34). Por outro lado, há os que permanecem reticentes diante do espaço desmesurado que é concedido ao fenômeno esportivo. Neste caso, mantém-se visão mais “apocalíptica” diante da mercantilização excessiva e da espetacularização que o esporte adquiriu, especialmente na segunda metade do século XX. Aqui, destacam-se leituras, em maior ou em menor grau, balizadas pelos conceitos marxistas-frankfurtianos (que fundamentaram a chamada escola crí-

<sup>2</sup> Alguns expoentes, em certa medida, são Huizinga (1996), Callois (1990), DaMatta (1982) e Elias & Dunning (1995).

tica), em busca dos sentidos e das relações do esporte no seio da sociedade da cultura de massas.<sup>3</sup>

A partir do pêndulo entre “novos apocalípticos” e “novos integrados”, este artigo pretende analisar algumas questões que acompanham o esporte desde o século XIX, quando diversas modalidades iniciam seu processo de regulamentação. Nossa proposta é, por meio de breve revisão de alguns estudos que se debruçaram sobre a conceituação do fenômeno esportivo, verificar se a mercantilização do esporte, num processo intensificado no final do século XX, teria corrompido sua essência lúdica e secularizada. De que forma o futebol no Brasil, por exemplo, abandonou o “amor à camisa” e o romantismo da prática dessa modalidade pelos interesses de anunciantes, investidores e dirigentes?

Iniciemos esta revisão pela obra *Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*, em que Norbert Elias e Eric Dunning priorizam os aspectos socializantes e pedagógicos do esporte. Os autores demonstram como a prática cada vez mais assídua de jogos nos grandes conglomerados urbanos provocou a necessidade de criação de mecanismos que regulamentassem essas atividades. O desenvolvimento da maior parte dos esportes preocupou-se, portanto, em solucionar o seguinte dilema: como manter, no padrão desses jogos praticados secularmente, um elevado nível de tensão ao lado de riscos cada vez menores aos seus praticantes (não podemos ignorar que trabalhadores contundidos numa prática esportiva representavam mão de obra ociosa para as indústrias e as próprias famílias no dia seguinte).

No caso do futebol, por exemplo, sua transformação de jogo popular a esporte foi processo de desenvolvimento prolongado e dirigido com vistas à regulação e uniformidade muito bem planejadas, cujo ponto central veio a ter fim com sua codificação em regras no ano de 1863, por estudantes da Escola de Cambridge, na Inglaterra. A função do esporte nos tempos modernos estaria relacionada a dois aspectos fundamentais

<sup>3</sup> Em alguns aspectos, é o que vemos em Bourdieu (1997), Gerard Vinnai (1974), Jean Marie Brohm (1983), Umberto Eco (1984), Roberto Ramos (1984), entre outros.

da vida burguesa – a disciplina das massas (que precisam obedecer a horários e regras) e o *fair play*, ou seja, o saber ganhar e o saber perder. O esporte afirmaria, portanto, valores capitalistas básicos, como individualismo e competitividade, além da premiação dos vitoriosos.<sup>4</sup>

Diante desse quadro, torna-se mais fácil entender por que o esporte, como produto da sociedade industrial e urbana, acabou por aglutinar as massas. Para Huizinga (1996), no entanto, o século XIX, com sua exaltação dos fatores econômicos advindos do progresso tecnológico, fez com que o homem perdesse aquela “aura” impregnada de mistério e de mitos que ele cultivara em suas formas mais arcaicas de civilização. O racionalismo e o utilitarismo da época moderna, a par de todas as outras grandes correntes de pensamento do século passado (como o positivismo), eram adversos ao fator lúdico na vida social:

Jamais se tomou uma época tão a sério, e a cultura deixou de ter alguma coisa a ver com o jogo. As formas exteriores já não se destinavam a criar a aparência, ou a ficção, se se quiser, de um modo de vida ideal e mais elevado. Não há sintoma mais flagrante da decadência do fator lúdico do que o desaparecimento de todos os aspectos imaginativos, fantasiosos e fantásticos do vestuário masculino após a revolução francesa (HUIZINGA, 1996, p. 213).

Da mesma forma como preconizado por Huizinga, Nicolau Sevcenko, no artigo “Futebol, Metrôpoles e Desatinos”,<sup>5</sup> observa que as diferentes modalidades esportivas tiveram sua origem nas práticas lúdicas arcaicas. A invenção do esporte no século XIX, contudo, criou algo completamente diverso, mas ainda se alimentando dessas práticas arcaicas, ligadas ao culto e ao rito. Com a nova concepção do esporte moderno, porém, introduzem-se noções mais rígidas de desempenho (os tempos e marcas têm importância decisiva; o cronômetro passa a ser instrumento

<sup>4</sup> Em Marques (2000), essas questões recebem maior reflexão, tendo como pano de fundo a discussão das particularidades do futebol e as singularidades desse esporte tal qual ele tem sido praticado no Brasil.

<sup>5</sup> In *Revista USP - Dossiê Futebol* (1994).

de julgamento). Além disso, estabelecem-se normas e regras de tempo e espaço, com a figura mediadora das equipes de arbitragem. O novo sentido das práticas esportivas converge para um “efeito de maximização de um padrão de produtividade. Por isso o resultado tem sempre que ser numérico...” (op. cit., p. 33).

A prática esportiva, a partir do momento em que se transforma em competição – ou seja, a partir do momento em que se estabelece por meio de normas e se comercializa –, perderia parte do caráter lúdico previsto em sua essência inaugural. DaMatta (1995) não chega a priorizar essa condição do esporte na vida moderna, mas reconhece o quanto ele ajudou a disciplinar tanto o trabalhador como o trabalho, por força das noções estritas de tempo e espaço (competições oficiais têm hora, data e local definidos de antemão). Além disso, a prática esportiva internalizou a ideia de que a vitória e a derrota fazem parte da mesma moeda. “Com isso, internalizam-se normas individualistas de conduta, normas que garantiriam que o mundo era dos que acreditavam que os homens tinham uma igualdade perante a lei”. (idem, *ibidem*, p. 9)

Umberto Eco (1984), por outro lado, transfere e transpõe sua análise para o discurso da imprensa esportiva tal qual a conhecemos atualmente, e estabelece as categorias do esporte “elevado ao quadrado”, “elevado ao cubo” e “elevado à enésima potência”. A primeira categoria, a do esporte elevado ao quadrado, dá-se quando o jogo, que era praticado em primeira pessoa, passa a ser uma espécie de discurso sobre o jogo, isto é, o jogo passa a ser um espetáculo para os outros. O jogo deixa de ser apenas atividade praticada por determinadas pessoas, mas passa a ser visto por meio de sua alteridade – surge a figura do espectador. O esporte ao quadrado representa, assim, o espetáculo esportivo sobre o qual se exercem especulações e comércios, bolsas e transações, vendas e consumos. Já o esporte elevado ao cubo ocorre a partir do momento em que impera o discurso sobre o esporte assistido. Temos aqui, *strictu sensu*, o discurso da imprensa esportiva em primeira instância.

Por último, o esporte elevado à enésima potência representa o discurso sobre a imprensa esportiva, ou seja, o componente autorreferen-

cial que a imprensa esportiva demonstra ao autofocar as discussões sobre as práticas esportivas. Aqui, a discussão e o relato não são mais sobre o esporte, mas sim sobre a falação a respeito do esporte. Desse modo, para Eco, o esporte atual é essencialmente um discurso sobre a imprensa esportiva. Se algum evento esportivo não ocorresse, mas fosse contado por meio de imagens fictícias, nada mudaria no sistema esportivo internacional:

Portanto, o esporte como prática não mais existe, ou existe por motivos econômicos (visto que é mais fácil um atleta correr do que inventar um filme com atores que fingem correr): e existe apenas a falação sobre a falação do esporte: a falação sobre a falação da imprensa esportiva representa um jogo com todas as suas regras (ECO, 1984, p. 224).

A análise crítica de Eco segue contundente, com o objetivo de mostrar que a falação sobre a falação esportiva tem todas as aparências do discurso político, só que, aqui, o objeto não é a “Cidade” (ou seja, o “Estado”), mas o estádio, com seus bastidores; essa falação, assim, aparenta ser a paródia do discurso político. Entretanto, como nessa paródia todas as forças que o cidadão tinha para o discurso político acabam se destemperando e disciplinando, a falação esportiva passa a ser ela mesma o sucedâneo do discurso político, a ponto de chegar a ser o próprio discurso político. Daí que o esporte desempenharia o papel de falsa consciência. E mais: a falação sobre o esporte dá a ilusão de que se pratica o esporte; o falante se considera esportista e não percebe que não pratica atividade esportiva alguma.

A falação, assim, é a possibilidade de compreender tudo, sem qualquer apropriação preliminar da coisa. Caímos aqui na função fática de Roman Jakobson (1969), segundo o qual os discursos fáticos são necessários para que a ligação entre os falantes se estabeleça. Para Eco, a falação é o discurso fático tornado fim em si mesmo; a falação esportiva é algo a mais: trata-se de discurso fático contínuo, que se apresenta enganadoramente como discurso sobre a cidade e seus objetivos:

Surgida como elevação à enésima potência daquele desperdício inicial (e calculado) que era o jogo esportivo, a falação esportiva é a magnificação do Desperdício e por isso o ponto máximo de Consumo. Sobre ela e nela o homem da civilização de consumo consome diretamente a si próprio (ECO, 1984, p. 226).

Já no artigo “*O Mundial e suas Pompas*”, de 1978, Umberto Eco (1984) alonga a discussão, ao afirmar que o futebol representa um “espetáculo cósmico sem sentido”, ligado à “ausência de senso e à inutilidade das coisas”, incluindo-se naquela categoria de sentimento que ele chama de “irrealidade cotidiana”:

O esporte, entendido como ocasião em que uma pessoa, sem fins lucrativos e empenhando diretamente seu corpo, realiza exercícios físicos em que põe seus músculos a trabalhar, seu sangue em circulação e seus pulmões em plena atividade, o esporte, dizia, é coisa belíssima, ao menos tanto quanto o sexo, a reflexão filosófica e o jogo de azar quando as fichas de apostas são grãos de feijão. Mas o jogo de futebol não tem nada que ver com o esporte assim entendido. Não para os jogadores, que são profissionais submetidos a tensões não diferentes das de um operário da linha de montagem (afora algumas insignificantes diferenças salariais), não para os espectadores, isto é, a maioria (idem, ibidem, p. 229).

Assim, a discussão sobre o espetáculo esportivo e sobre a falação a respeito do mesmo espetáculo (incluindo-se aí os jornalistas que falam sobre ele) é o substituto mais fácil da discussão das coisas sérias da vida. A falação esportiva permite, em suma, que os falantes e agentes desse jogo (do qual não se furtam os espectadores, torcedores e leitores de jornais) brinquem de gerir a “Coisa Pública”, só que sem os cuidados, deveres e dilemas da discussão política:

Em vez de se julgarem os atos do ministro das Finanças (para o que é preciso entender de economia e de outras coisas), discutem-se os atos do



treinador; em vez de se criticarem as posições do deputado, critica-se a posição do atleta; em vez de se perguntar (pergunta difícil e obscura) se o ministro fulano assinou ou não pactos ainda mais obscuros com o poder sicrano, pergunta-se se a partida final ou decisiva terá sido fruto do acaso, da forma atlética, ou de alquimias diplomáticas. O discurso futebolístico requer uma competência não vaga, decerto, mas de uma forma geral, restrita, bem concentrada; permite assumir posições, expressar opiniões, propor soluções sem que ninguém seja detido ou fique por isso exposto (idem, ibidem, p. 231).

Coincidentemente, no mesmo ano em que Umberto Eco escrevia sua *Falação Esportiva*, outra obra analisando o esporte era publicada no Brasil, pela Editora Perspectiva. Trata-se do já citado Georges Magnane e sua *Sociologia do Esporte* (1969), em que o autor comenta o descaso de intelectuais franceses para com o esporte, e cita um professor da Sorbonne, segundo o qual, “se a imprensa esportiva tem tantos leitores, é porque é ilegível”. Temos aqui mais uma mostra do preconceito sobre o futebol, enraizado no meio acadêmico naquele período. Para aquele mesmo pensador da Sorbonne, não havia problemas no esporte, já que os esportistas sempre preferiram se virar sozinhos. Magnane estabelece então a “dialética” das discussões sobre o esporte, analisando o nível de influência que as atividades lúdicas e esportivas adquiriram na sociedade pós-industrial:

O esporte é um fenômeno social que impregna profundamente a vida cotidiana do homem do século XX (...) Sua presença se impõe não só àqueles que o praticam, àqueles que o organizam ou àqueles que procuram dirigi-lo ou que pretendem fazê-lo, mas ainda àqueles que se dedicam a combatê-lo (MAGNANE, 1969, p. 16).

A percepção do sociólogo francês é pertinente no sentido de verificar que todos os que procuram negar o esporte também reafirmam sua presença. O ódio ao futebol não deixa de representar demonstração da

paixão que se lhe dedica. Logo, torna-se difícil ignorar as relações entre cultura de massa e esporte, até porque as condições tecnológicas do início da primeira metade do século XIX e a organização ainda inédita de um novo espaço urbano passaram a exigir automação das reações físicas e dos reflexos humanos. Essa nova ordem social, aliada ao progresso e aos avanços tecnológicos, demanda do ser humano um novo comportamento do corpo, uma nova postura que passará cada vez mais a estar relacionada a seu desempenho físico, como testemunha Nicolau Sevchenko, no artigo citado:

Na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se veem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores (SEVCENKO, 1994, p. 35).

Ao lado do surgimento da imprensa e da indústria cultural, vemos no século XIX o aparecimento de diversas modalidades esportivas. Portanto, não é por mero acaso que o esporte como domínio social e como “indústria” se tenha firmado dentro do contexto de surgimento da sociedade de massa. E não é por mero acaso também que diversas modalidades esportivas (notadamente o futebol, mas também turfe, luta livre, boxe, remo, tênis e atletismo) surgiram na Inglaterra, que consolidava o sistema liberal democrático no final do século XIX.

Os ingleses aprenderam, assim, a projetar no seu lazer os valores do esporte, ligados ao combate com regras, à obediência aos horários e regulamentos etc. Aqui, estamos diante do fenômeno da invenção das tradições, do qual fala Eric Hobsbawn no capítulo *A Produção em Massa de Tradições: Europa, 1870 a 1914*:

As últimas três décadas do século XIX assinalam uma transformação decisiva na difusão de velhos esportes, na invenção de novos e na instituciona-

lização da maioria, em escala nacional e até internacional. Em segundo lugar, tal institucionalização constituiu uma vitrina de exposição para o esporte (...) e também um mecanismo para ampliar as atividades até então confinadas à aristocracia e à burguesia endinheirada capaz de assimilar o estilo de vida aristocrático, de modo a abranger uma fatia cada vez maior de “classes médias” (HOBSBAWN, 1984, p. 306).

O esporte praticado pela classe média passava a combinar dois elementos da invenção da tradição – o político e o social. A primeira tentativa era a de formar uma elite dominante que se baseasse no modelo britânico de organização, de modo que este procurasse suplantar os outros modelos aristocrático-militares mais velhos do resto da Europa. Dependendo da situação, o esporte se associava a elementos conservadores e liberais nas classes médias e altas da Inglaterra. A segunda tentativa significava uma busca mais espontânea de se isolar as massas, especialmente por se dar maior ênfase ao amadorismo como critério do esporte de classe média alta. Mas a combinação dos elementos político e social tinha também o objetivo de desenvolver um novo e específico padrão burguês de lazer e estilo de vida, por meio de critérios flexíveis de admissão em grupos.

Eric Hobsbawn aponta ainda para dois fenômenos advindos da coesão de grupos distintos em torno do esporte: primeiro, temos a sedimentação de laços que uniam os habitantes do Estado nacional, independentemente das diferenças locais ou regionais, a partir de competições que evoluíram espontaneamente ou por meio de mecanismos comerciais – caso do Tour de France ou do Giro d’Italia (principais competições de ciclismo da Europa), ou das finais do campeonato inglês de futebol. Em segundo lugar, vemos a criação de campeonatos esportivos internacionais complementando-se com os de âmbito nacional; ambas as manifestações alcançariam sua expressão maior com as Olimpíadas de 1896, a primeira da era moderna desde os jogos olímpicos gregos da Antiguidade. Os campeonatos internacionais, desse modo, serviram no início para sublinhar a unidade das nações ou impérios.

O nacionalismo tornou-se um substitutivo para a coesão social através de uma igreja nacional, de uma família real ou de outras tradições coesivas, ou autorrepresentações coletivas, uma nova religião secular, e que a classe que mais exigia tal modalidade de coesão era a classe média em expansão, ou antes, a ampla massa intermediária que tão notavelmente carecia de outras formas de coesão. A esta altura, novamente a invenção de tradições políticas coincide com a de sociais (idem, *ibidem*, p. 311).

O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983), em artigo não menos insinuante (*Como é Possível Ser Esportivo?*), aponta ainda para o “discurso fundador” que sedimentou o aparecimento de várias modalidades esportivas no século XIX. Antes de mais nada, o conceito do *fair play* e do respeito às regras atende a uma moral aristocrática, que integra os pressupostos essenciais da sociedade burguesa, da empresa privada e da iniciativa privada. Assim, o esporte, que nasceu dos jogos populares, ou seja, produzidos pelo povo, retorna a ele na segunda metade do século XX sob a forma de espetáculos para o povo.

Os exercícios corporais da ‘elite’ foram separados das ocasiões sociais ordinárias às quais os jogos populares permaneciam associados (festas agrárias, por exemplo) e desprovidas das funções sociais (e, ‘a fortiori’, religiosas) ainda ligadas a vários jogos tradicionais (como os jogos rituais praticados em muitas sociedades pré-capitalistas em certas passagens do ano agrícola) (BOURDIEU, 1983, p. 139).

No processo de definição do esporte, classes dominantes e dominadas também passaram a projetar em determinadas modalidades os mesmos valores presentes em seus meios de vida. Enquanto a carreira esportiva profissional era negada a jovens burgueses ou aristocratas (à exceção do golfe e do tênis), ela mesma passou a representar uma das poucas possibilidades de ascensão social para os jovens das classes menos favorecidas. E a escolha na prática de determinado esporte também passou a reproduzir as relações entre o capital econômico, o

capital cultural, a relação com o corpo e o tempo livre envolvidos em cada modalidade:

A maior parte dos esportes coletivos – basquetebol, handebol, rugby, futebol – cuja prática declarada é maior entre os empregados de escritório, técnicos e comerciantes, e sem dúvida também os esportes individuais mais tipicamente populares, como o boxe ou a luta livre, acumulam todas as razões para repelir os membros da classe dominante: a composição social de seu público, que redobra a vulgaridade que sua divulgação implica, os valores em jogo, como a exaltação da competição e das virtudes exigidas, força, resistência, disposição à violência, espírito de sacrifício, de docilidade e de submissão à disciplina coletiva, antítese perfeita da distância em relação ao papel que os papéis burgueses implicam etc. (idem, *ibidem*, p. 150).

Desse modo, os esportes mais populares ficaram ligados a aspectos tacitamente associados à juventude (daí o fato de serem modalidades com grande investimento de esforço físico e dor); já os esportes “burgueses” ficaram subordinados à função da manutenção física (e quanto mais puder se prolongar a juventude, melhor), ao bem-estar e ao lucro social que propiciam (com destaque, aqui, para as modalidades mais exclusivas, como o golfe). Resgata-se a velha visão marxista, segundo a qual as ideias das classes dominantes estendem-se para além do campo do pensamento, mas principalmente para o campo dos processos de produção:

Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda a sua extensão e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de ideias; que regulem a produção e a distribuição das ideias de seu tempo e que suas ideias sejam, por isso mesmo, as ideias dominantes da época (MARX e ENGELS, 1979, p. 72).

Ao mesmo tempo em que reconhece o fato de que diferentes modalidades esportivas acabam por servir de repositório de valores de diferentes classes sociais, Bourdieu também procura enfatizar o fator disciplinador que está embutido na valorização da prática esportiva – o que teria servido, igualmente, para a disciplina no ambiente escolar:

A escola viu nos esportes “um meio de ocupar a menor custo os adolescentes que estavam sob sua responsabilidade em tempo integral; como aponta um historiador, quando os alunos estão no campo dos esportes, é fácil vigiá-los, dedicam-se a uma atividade ‘sadia’ e direcionam sua violência contra os colegas ao invés de direcioná-la contra as próprias instalações ou de atormentar seus professores. Sem dúvida, esta é uma das chaves da divulgação do esporte e da multiplicação das associações esportivas que, originalmente organizadas sobre bases beneficentes, progressivamente foram recebendo o reconhecimento e a ajuda dos poderes públicos (BOURDIEU, 1983, p. 146).

Em outra dimensão, os meios de comunicação exerceriam igual forma de controle sobre o público, por meio da disciplina. A televisão, para Bourdieu (1997, p. 29), exerceria forma particularmente perniciosa de violência simbólica, com a cumplicidade tácita daqueles que a exercem e daqueles que a sofrem; ela produz o que se chama de “efeito de real”: “Caminha-se cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão. A televisão se torna o árbitro do acesso à existência social e política”.

Além disso, para o pensador francês haveria uma mentalidade “índice de audiência” nas salas de redação e editoras; pensa-se apenas em termos de sucesso comercial. Há pelo menos 30 anos, e durante todo o século XIX, o sucesso comercial imediato era suspeito. Hoje, o mercado é cada vez mais reconhecido como “instância legítima de legitimação”:

Nos anos 50, a televisão estava pouco presente no campo jornalístico; quando se falava de jornalismo, mal se pensava na televisão. (...) Com os

anos, a relação inverteu-se completamente, e a televisão tende a tornar-se dominante econômica e simbolicamente no campo jornalístico. Isso é assinalado sobretudo pela crise dos jornais: há jornais que desaparecem, outros que são obrigados a se colocar a cada instante a questão de sua sobrevivência, da conquista ou da reconquista de sua audiência (BOURDIEU, 1997, p. 59).

Chama a atenção, até aqui, o fato de que o esporte, independentemente da forma como tem sido analisado e conceituado – seja pela visão mais apocalíptica e marxista, seja pela mais secularizada e “romântica” –, acabe sendo caracterizado invariavelmente pela noção de disciplina e respeito às regras. E, em outra medida, pela filiação à nova ordem social derivada da revolução industrial e da sociedade de massas solidificadas ao longo dos séculos XIX e XX. O esporte, tal qual o consideramos hoje, esteve atrelado desde o seu nascedouro ao mercantilismo capitalista que passou a nortear a nova ordem ocidental desde então. A “criança difícil do século” traria em seu genoma a herança genética de atividade social criada e mantida para disciplinar as massas urbanas, ao mesmo tempo em que cristalizaria elementos típicos do industrialismo, como produtividade e busca de marcas e recordes. Daí que, a nosso ver, não passem de exagero retórico a louvação ou a lamentação em torno da ideia de que, no novo milênio, o esporte tenha virado sinônimo de negócio. Negócio ele sempre foi, desde o berço. A diferença é que, nos dias de hoje, potencializaram-se ao infinito as possibilidades de o marketing e de a publicidade fazerem uso da cena esportiva. Mas também fenômeno semelhante ao que se deu em torno da música e do cinema: basta verificar a configuração dessas artes no início do século XX e comparar com o que ambas representam na atualidade.

Casos de uso de atletas e equipes esportivas anunciando marcas e produtos, por exemplo, remontam às primeiras décadas do século XX (como esquecer que o jogador brasileiro Leônidas da Silva, apelidado de “Diamante Negro”, emprestou seu nome a uma marca de chocolate na década de 1940?). No Brasil e no exterior, as décadas de 1920 e

1930 marcam ainda o processo de profissionalização da carreira de jogador de futebol, medida que estabeleceria novos rumos para a prática dessa modalidade e para o tratamento da gestão do esporte. Não é à toa que a FIFA (Federation International de Football Association), entidade que regulamenta o futebol no planeta, seja uma entidade com mais países filiados do que a ONU (Organização das Nações Unidas) –, e que o futebol seja o esporte de maior audiência televisiva global em todo o mundo.

Apesar de reconhecermos seu caráter mercantil desde a organização estatutária que ele sofreu a partir do século XIX, é preciso destacar que o esporte não teria resistido aos tempos e às paixões do público caso ele tivesse se reduzido apenas a um grande negócio. Se voltarmos a Elias e Dunning (1995), verificamos a releitura que os autores fazem de algumas teorias da sociologia do esporte: primeiramente a obra de Huizinga (notável do ponto de vista histórico-filosófico, segundo eles, e que aponta para o fato de o esporte transformar-se numa atividade cada vez mais séria, como já vimos); em segundo lugar, discutem a obra de B. Rigauer (de cunho marxista e que acusa o esporte de se distinguir cada vez menos do trabalho, uma vez que se trata de criação burguesa para manter e reforçar seu *status quo*); e, finalmente, a de G. P. Stone (admirável como ponto de vista de interação simbólica, e que defende a ideia de que o esporte destruiu o ingrediente lúdico para afirmar o conceito de exibição diante da plateia).

Segundo os dois pesquisadores, contudo, embora estas três interpretações sejam pertinentes para o entendimento da evolução do esporte na vida moderna, não são definitivamente adequadas para dar conta de sua complexidade. Como explicar, por exemplo, que os esportes tenham mantido e aumentado sua popularidade até os dias de hoje, caso o aspecto lúdico tivesse sido suprimido de todo (como apontou Huizinga), caso tivessem se tornado tão opressivos, à semelhança das práticas do trabalho (como alegou Rigauer), ou caso tivessem desequilibrado tão seriamente a relação entre jogo e exibição (como afirmou Stone)? Daí a conclusão de que a seriedade nos esportes modernos poderia



estar relacionada ao fato de que, por causa da socialização dentro de normas mais restritas, o indivíduo moderno tenha passado a participar no esporte com menos espontaneidade e inibições do que seu antepassado, o qual vivia num sistema de interdependência social menos complexo e opressor.

Mesmo assim, o que explicaria o fato de o futebol, no caso brasileiro e também no caso de inúmeros países europeus e latino-americanos, representar até hoje um elemento identitário de aglutinação das massas? Como afirma DaMatta (1982, p. 40), “o futebol seria popular no Brasil porque permite expressar uma série de problemas nacionais, alternando percepção e elaboração intelectual com emoções e sentimentos concretamente sentidos e vividos”. Assim, a importância desse esporte em nosso país transcenderia a mera esfera do entretenimento, pois estaria incluída no meio da ordem social:

Se, de fato, carnaval, religiosidade e futebol são tão básicos no Brasil, tudo indica que diferentemente de certos países da Europa e América do Norte, nossas fontes de identidade social não são instituições centrais da ordem social, como as leis, a Constituição, o sistema universitário, a ordem financeira etc., mas certas atividades que nos países centrais e dominantes são tomadas como fontes secundárias e liminares de criação de solidariedade e identidade social. Assim é a música, o relacionamento com os santos e espíritos, a hospitalidade, a amizade, a comensalidade e, naturalmente, o carnaval e o futebol, que permitem ao brasileiro entrar em contato com o permanente de seu mundo social (DAMATTA, 1982, p. 39).

A particularidade do futebol estaria ainda no fato de ser praticado ao ar livre e sobre uma superfície de grama e terra, o que deve causar grande apelo numa sociedade cada vez mais “urbanizada e asphaltizada” das cidades, por conta do fluxo migratório para as metrópoles advindo com a revolução industrial: o futebol, assim, ritualiza o mito do surgimento de um mundo agrário e rural, cercado pelos muros da metrópole:

Em seu rito, o futebol evoca presenças – terra, sol, vento – de uma originalidade arcaica e de uma história agropastoril, por entre rasgos urbanos: o concreto das arquibancadas, o poder das luzes e, ultimamente, o visgo dos placares eletrônicos. (...) No estádio, a dispersão de vozes cria uma paisagem animada pela necessária multiplicidade da presença coletiva. Essa paisagem é o oposto de uma natureza-morta. Os mídia modernos tentam espelhar – palidamente, quase sempre – essa multiplicidade da vida concentrada através da multiplicação de seus pontos de vista: narração, comentário, entrevista, observações detrás do gol, no caso do rádio; obtenção de imagens de diferentes ângulos, em câmara lenta, ‘replays’, no caso da televisão (AGUIAR, 1999, p. 162).

Vemos assim que, ao contrário da ideia de que o novo milênio teria “contaminado” o esporte com o avanço do marketing e dos interesses capitalistas do mercado, o fenômeno esportivo traria em si as mesmas tensões sociais e psicológicas que o homem moderno vivencia em seu cotidiano urbano e cidadão. E, além disso, o esporte teria ainda o pendor de provocar a espetacularidade do jogo e da brincadeira. Assistir a uma partida no estádio, ao vivo, ainda representa um espetáculo semelhante ao que se vê nos teatros e salões de ópera ou balé. Em favor do esporte, porém, o fato de que, apesar de representar uma narrativa ritualizada, ele sempre encarna o caráter da imprevisibilidade em sua performance. Uma peça de teatro pode variar a encenação de um dia para outro (em virtude do desempenho de atores, reação do público etc.), mas o *script* é sempre o mesmo e deve ser cumprido.

Como apontam Elias e Dunning (1995), o esporte permaneceu como a “criança difícil do século” (para utilizarmos a terminologia de Magnane) porque soube, entre outros motivos, manter vivo o espírito lúdico secularizado das civilizações arcaicas; incorporar a opressão das práticas do trabalho como extensão do que o homem moderno vivencia no seu cotidiano; e manter a tensão entre jogo e espetáculo. Isso pode ser constatado pelo simples fato de que, no caso do esporte, nunca se sabe o resultado de antemão de uma competição esportiva. E o futebol, por

sua vez, consubstancia-se como uma das mais imprevisíveis e imponderáveis modalidades esportivas, por força de uma série de contingências e particularidades – como o fato de ser jogado com os pés e de se fazer uso de todo o corpo.<sup>6</sup>

O fascínio pelo imponderável, por aquilo que não se pode adivinhar, certamente não passaria incólume a um mundo cada vez mais absorto pelo cientificismo e racionalismo provocados pelo Iluminismo e o Positivismo do fim do segundo milênio. Trata-se de aspectos que não podem ser ignorados em qualquer leitura que se faça a respeito da importância do esporte na contemporaneidade – e que estão muito além da simples constatação de que o marketing ou os interesses do mercado tenham modificado sua essência ao longo das últimas décadas.

## Referências

- AGUIAR, F. Notas sobre o futebol como situação dramática. In: BOSI, A (org). *Cultura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1999.
- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. Programa para uma sociologia do esporte. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a televisão (seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BROHM, J.-M. *Jeux olympiques à Berlin 1936*. Bruxelles: Editions Complexe, 1983.
- CAILLOIS, R. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Portugal, 1990.
- DA MATTA, R. *Universo do futebol – esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- \_\_\_\_\_. Entrevista à *Revista E* (publicação mensal do Sesc de São Paulo). São Paulo, nº 3, ano 2, set. 1995.
- ECO, U. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

<sup>6</sup> Em meu estudo já citado, reservo um capítulo (*Quem é a Bola?* pergunta a Grã-fina do Maracanã) para a discussão desse tema.

- ELIAS, N.; Eric D. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- HOBBSBAWN, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1969.
- MAGNANE, G. *Sociologia do poder*. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- MARQUES, J. C. *O futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 2ª ed., São Paulo: Liv. Ed. Ciências Humanas, 1979.
- RAMOS, R. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- REVISTA USP – *Dossiê futebol*. São Paulo, trimestral, nº 22, jun-ago.1994.
- VINNAL, G. *El fútbol como ideología*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1974.